

CAMPANHA TRANSOLIDARIEDADE NO CONTEXTO DA PANDEMIA DA COVID-19: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Brune Coelho Brandão

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF e colaboradora do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+ - CeR-LGBTQI+ da UFJF, brunecbrandao@yahoo.com.br;

Dandara Felícia Silva Oliveira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF e colaboradora do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+ - CeR-LGBTQI+ da UFJF, dandaradoxum@gmail.com;

Maria José Figueira Pereira

Psicóloga do Centro de Referência de Direitos Humanos – CRDH e colaboradora do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+ - CeR-LGBTQI+ da UFJF, coautor3@email.com;

Marco José de Oliveira Duarte

Pós-Doutor em Políticas Sociais. Professor Adjunto da Faculdade de Serviço Social e do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Pesquisador do CNPq e Coordenador do Centro de Referência de Promoção da Cidadania LGBTQI+ - CeR-LGBTQI+ da UFJF, marco.duarte@ufff.br.

Resumo

Trata-se de um relato de experiência que contempla uma das ações de extensão de prevenção e enfrentamento à COVID 19 vinculada ao Programa de Extensão “Centro de Referência de Promoção da Cidadania de LGBTQI+” (CeR-LGBTQI+) e ao Projeto de Extensão “DIVERSE: Observatório da Diversidade Sexual e de Gênero: Políticas, Direitos e Saúde LGBT”, ambos da Faculdade

de Serviço Social da UFJF, a Campanha TranSolidariedade, em parceria com o Centro de Referência de Direitos Humanos de Juiz de Fora e Território Mata (CRDH-JF) e o Grupo Força Trans, desenvolvido desde março de 2020 até ao presente momento. Assim, de forma colaborativa, desenvolvemos uma ação coletiva no cenário de combate à COVID-19 na cidade de Juiz de Fora, voltado para o público beneficiário da referida ação extensionista, a população LGBTQI+, mas, em particular, a população de mulheres transexuais e travestis em situação de vulnerabilidade social, trabalhadoras na e da rua e em prostituição. Com o aumento do número de casos confirmados e o avanço da pandemia da COVID-19 em todo Brasil, entendíamos que era o momento de ampliarmos as ações coletivas com foco na rede de solidariedade informal para chegar cada vez mais às pessoas que se encontram com múltiplas vulnerabilidades sociais. Desta forma, portanto, no bojo dessa parceria entre universidade e sociedade civil, emerge a Campanha TranSolidariedade, que tem por objetivo geral o apoio e suporte social às trabalhadoras de sexo (travestis e mulheres transexuais) no município de Juiz de Fora/MG, que, em decorrência do atual cenário pandêmico em decorrência do novo coronavírus (COVID-19) não podiam mais trabalhar nas ruas, lugar onde se localiza o mundo do trabalho das conhecidas “meninas”, no sentido de evitar o contágio, tendo em vista a letalidade do vírus, prejudicando-as em todos os sentidos, mas, particularmente, nas suas formas de sobrevivência econômica, social e mesmo sanitária.

Palavras-chave: LGBTQI+, Centro de Referência, Cidadania, Solidariedade, Campanha.

Introdução

Consiste em um relato de experiência acerca de uma das ações de extensão de prevenção e enfrentamento à COVID 19 vinculada ao Programa de Extensão “Centro de Referência de Promoção da Cidadania de LGBTQI+” (CeR-LGBTQI+) e ao Projeto de Extensão “DIVERSE: Observatório da Diversidade Sexual e de Gênero: Políticas, Direitos e Saúde LGBT”, ambos da Faculdade de Serviço Social da UFJF, a Campanha TranSolidariedade, em parceria com o Centro de Referência de Direitos Humanos de Juiz de Fora e Território Mata (CRDH-JF) e o Grupo Força Trans, desenvolvido desde março de 2020 até ao presente momento.

De forma colaborativa, realizamos uma ação coletiva no cenário de combate à COVID-19 na cidade de Juiz de Fora, voltado para o público beneficiário da referida ação extensionista, a população LGBTQI+, mas, especialmente, a população de mulheres transexuais e travestis em situação de vulnerabilidade social, trabalhadoras na e da rua, em contexto de trabalho sexual.

Assim, através parceria entre universidade, sociedade civil e outros equipamentos do Estado, emerge a Campanha TranSolidariedade, que tem por objetivo geral o apoio e suporte social às trabalhadoras de sexo (travestis e mulheres transexuais) no município de Juiz de Fora/MG. Em função do atual cenário pandêmico proveniente da crise global sanitária do Sars-Cov-2, também chamado de COVID-19, elas não tinham condições de trabalhar nas ruas, lugar onde se localiza o mundo do trabalho das conhecidas “meninas” (OLIVEIRA; DUARTE, 2020), no sentido de evitar o contágio, haja vista os protocolos estabelecidos de distanciamento social e trabalhos remotos. Tendo em vista a letalidade do vírus e as altas taxas de mortalidade apresentadas no município e no país, as trabalhadoras sexuais foram prejudicadas no exercício de sua profissão, mas, particularmente, nas suas formas de sobrevivência econômica, social e mesmo sanitária (DUARTE, 2020a).

A Campanha TranSolidariedade, como uma ação vinculada ao CeR-LGBTQI+ e ao DIVERSE, no âmbito da UFJF, em parceria com o CRDH, o Grupo Força Trans e mais recentemente com a recém implementada Secretaria de Especial Direitos Humanos da atual gestão municipal, surge no contexto do enfrentamento à pandemia, e desde o seu início, em abril de 2020, toda a proposta e programação originaram-se a

partir das demandas das meninas, tendo como gênese o contato com representantes da equipe do CeR-LGBTQI+, que também são pessoas travestis e transexuais, intituladas nessa rede denominada por elas mesmas como “manas”. O surgimento da demanda através do acionamento coletivo de profissionais do sexo nos chamando a ocupar nosso espaço institucional de garantia de direitos básicos de trabalho e sobrevivência possibilitou a construção coletiva com as usuárias de ações que contemplem suas reais especificidades (DUARTE, 2020b). E será esse processo que pretendemos relatar aqui, com todas as possibilidades de ação que se constituíram para nós.

Nessa seara, tal ação se justifica em detrimento do aumento progressivo, ao longo de mais de um ano de pandemia no Brasil, do número de casos confirmados e o avanço da pandemia de COVID-19 para mais cidades em todo país. Avaliamos enquanto equipamento de proteção social que era o momento de ampliarmos as ações coletivas com foco na rede de solidariedade informal (OAI, 2020) e na articulação e pressão de outros equipamentos do município para atingir cada vez mais as pessoas que se encontram com múltiplas vulnerabilidades sociais, em particular interseccionando os marcadores de identidade de gênero, classe e raça.

Após esse acionamento, enquanto equipe técnica do centro de referência LGBTQI+, tivemos que nos reinventar em frente ao contexto de pandemia para construir ações que, além de seguir os protocolos de biossegurança estipulados no país, paradoxalmente nos aproximasse de sujeitos marginalizados (VOTE LGBT, 2020) e que não acessavam os equipamentos de proteção social, travestis e mulheres transexuais que traçavam seus caminhos de resistência sem uma cobertura das ações do Estado. Durante esse processo de construção de estratégias de ação, o delineamento foi impulsionado em frentes que contemplassem, em um primeiro momento, as condições materiais de sobrevivência.

Metodologia

Para melhor compreensão das ações desenvolvidas, uma das frentes da campanha foi a arrecadação financeira virtual. Criamos uma vaquinha online, amplamente divulgada em nossas redes sociais institucionais e pessoais, para apoiar essas trabalhadoras de sexo, bem como custear a compra de itens essenciais nesse período, como

alimentos e produtos de limpeza, tais detergente, álcool 70, cloro, água sanitária, desinfetante, sabão em barra, sabonete, álcool em gel, máscaras, todos imprescindíveis no combate ao coronavírus. Durante nosso tempo de trabalho, toda quantia recebida foi de extrema importância. Divulgamos o link da campanha nas redes sociais, em particular, no facebook, no instagram do CeR-LGBTQI+ e outros, consideradas redes de maior popularidade nos nossos espaços de sociabilidade.

Outra frente desenvolvida, de maneira simultânea à campanha de arrecadação virtual, entretanto ocorrida de forma presencial, foi a distribuição de produtos alimentícios para subsistência. Houve a arrecadação de donativos, principalmente o recebimento de cestas básicas para posterior distribuição com as meninas, que teve dois movimentos: um que se referenciava na sede do CRDH, com a divulgação dos dias e horários de seu funcionamento de forma emergencial; e outro que nos dirigimos aos locais e instituições previamente acordados para recolher os bens e mercadorias doados.

Nesse contexto, inicialmente realizamos o cadastramento dessas mulheres transexuais e travestis trabalhadoras de sexo para receberem os benefícios arrolados. Para facilitar a comunicação, principalmente no contexto de distanciamento social imposto pela pandemia, criamos um grupo no *whatsapp* com o intuito de realizar as orientações sociais sobre os benefícios socioassistenciais governamentais do governo federal, desde o cadastro único (Cad-Único), programa de segurança alimentar (PSA) que oferece cesta básica, programa bolsa família (PBF), benefício de prestação continuada (BPC) da Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS), além do Programa de Auxílio Emergencial ao Cidadão (renda emergencial de R\$ 600,00 por pessoa). Como para todos os benefícios sociais existem critérios de elegibilidade, o da renda emergencial não seria diferente, contudo, essas trabalhadoras consideradas como informais ou autônomas ou mesmo desempregadas, com renda familiar per capita inferior a 1/2 salário-mínimo, tinham direito. E apostamos também nessa outra frente de trabalho. Através de orientações e suporte no preenchimento dos cadastramentos desses serviços e benefícios citados, iniciamos um processo de construção do CeR enquanto porta de entrada para acesso a direitos provenientes também de outros equipamentos socioassistenciais e de saúde. Nossa perspectiva, a longo prazo, é a inserção dessas mulheres na rede formal de proteção social do município como outro ponto de suporte para suas múltiplas vulnerabilidades.

Como impressão inicial, embasada no desenrolar de todo esse processo, foi que estávamos evitando que essas trabalhadoras sexuais fossem para as ruas e se expusessem mais ao coronavírus em suas relações de trabalho, com probabilidade maior de serem acometidas pela doença com impactos letais nos sujeitos. Portanto, através de esforços individuais e coletivos, produzimos uma rede ampla de solidariedade informal. Apesar de nos constituirmos como um programa de extensão universitária, com limitações de recursos humanos, haja vista que contamos apenas com profissionais voluntárias, e financiamento reduzido, nossos esforços se centraram no fortalecimento dessa rede e suas possibilidades de articulação com os equipamentos de proteção social institucionalizados no município.

Na operacionalização das estratégias de ação arroladas acima, focamos na captação e distribuição de cestas básicas, máscaras de pano e alguns kits de higiene e limpeza para essas mulheres transexuais e travestis trabalhadoras de sexo em situação de vulnerabilidade social. As distribuições ocorreram nos territórios micropolíticos de exercício do trabalho, em dias e horários previamente combinados com elas. Nesses encontros, em que foram mantidos os protocolos de uso de máscaras e álcool em gel quando do compartilhamento de objetos, preenchemos uma ficha de cadastramento delas com o objetivo de conhecer as suas realidades socioeconômica, familiar e de trabalho. De março até dezembro de 2020, foram realizadas entregas bimestrais de cestas básicas, três entregas de contribuição financeira do fundo de arrecadação coletivo online e duas entregas de kits de higiene e limpeza. Em dezembro, articulamos uma ação de Natal de entrega na casa de cada uma, tendo em vista que o volume de produtos distribuídos foi maior. No início de 2021, iniciamos uma nova articulação política de manutenção do projeto desenvolvido, tendo em vista o agravamento da pandemia no país e a constante e expressiva taxa de mortalidade, além da lentidão no processo de acesso às vacinas e imunização das pessoas. Começamos a compor um espaço de discussão junto à atual Secretaria Especial de Direitos Humanos do município com o intuito de receber os recursos necessários para nossas atendidas, além de formalizar o centro de referência LGBTQI+ como espaço essencial de garantia de proteção social da população dissidente das normativas sexuais e gênero na cidade de Juiz de Fora. Nosso intuito é, através de uma ação solidária, pressionar os

equipamentos estatais a de fato efetivar políticas públicas específicas para essa população.

Resultados e discussão

Durante a implementação e operacionalização da Campanha TranSolidariedade, pudemos, em um primeiro momento, conhecer melhor das demandas de mulheres transexuais e travestis trabalhadoras sexuais em interseção com as dimensões de classe, raça e geração. As ações foram executadas, em termos de territorialidade, próximas à casa de uma das mulheres consideradas como “mais velhas”, residente em uma região central. Ela inclusive foi a principal porta-voz que chegou a uma pessoa de nossa equipe, travesti preta e mestranda em serviço social, e perguntou como poderíamos auxiliá-las enquanto local de acolhida das demandas da população LGBTQI+. Desse modo, o ponto de encontro se tornou em frente à casa de Margarida. Inclusive, quando alguma menina não conseguia comparecer à entrega, pedia para deixar guardada sua cesta ou kit higiene e limpeza na casa dessa referência local. Com a ação, conseguimos atingir um número significativo de travestis e transexuais, com diferentes realidades de vida. O quadro abaixo demonstra de forma sintética alguns marcadores importantes do grupo beneficiário da ação executada.

Quadro 01: Descrição das mulheres trans e travestis beneficiárias e envolvidas na ação

Nome	Cor/Raça	Função	Idade	Escolaridade
Lumena	Branca	Profissional do Sexo	42	Ensino Médio Completo
Margarida	Branca	Profissional do Sexo	56	Ensino Fundamental Incompleto
Tatiana	Negra	Profissional do Sexo	23	Ensino Fundamental Incompleto
Lorena	Branca	Profissional do Sexo	20	Ensino Fundamental Incompleto
Astrid	Branca	Profissional do Sexo	39	Ensino Fundamental Incompleto
Neiva	Negra	Profissional do Sexo	42	Ensino Médio Completo
Lucrécia	Negra	Profissional do Sexo	32	Ensino Médio Completo
Lavinia	Branca	Profissional do Sexo	NI*	Ensino Superior Completo
Dora	Branca	Profissional do Sexo	31	Ensino Fundamental Incompleto
Lúcia	Branca	Profissional do Sexo	41	Ensino Fundamental Incompleto
Lívia	Negra	Profissional do Sexo	35	Ensino Fundamental Incompleto
Dalila	Negra	Profissional do Sexo	50	Ensino Fundamental Incompleto

Nome	Cor/Raça	Função	Idade	Escolaridade
Flávia	NI*	Profissional do Sexo	43	Ensino Fundamental Incompleto
Samira	Negra	Profissional do Sexo	44	Ensino Fundamental Incompleto
Luciana	Branca	Profissional do Sexo	21	Ensino Fundamental Incompleto
Talia	Branca	Profissional do Sexo	27	Ensino Fundamental Incompleto
Tabata	Negra	Profissional do Sexo	NI*	Ensino Fundamental Incompleto
Viviane	NI*	Profissional do Sexo	28	Ensino Médio Completo
Fernanda	NI*	Profissional do Sexo	19	não informado
Moira	Negra	Profissional do Sexo	31	Ensino Médio Incompleto
Helena	Branca	Profissional do Sexo	57	Ensino Fundamental Incompleto
Laura	Negra	Profissional do Sexo	NI*	não informado
Esmeralda	Negra	Profissional do Sexo	35	Ensino Fundamental Incompleto
Vera	Branca	Profissional do Sexo	29	Ensino Fundamental Incompleto
Cirene	Branca	Profissional do Sexo	41	Ensino Médio Completo
Ramona	Negra	Profissional do Sexo	20	Ensino Fundamental Incompleto

*NI – não informado

Fonte: Sistematização das autoras

De modo geral, as ações ocorreram em torno de alguns eixos, que pretendemos descrever abaixo. Todas elas ocorreram de forma simultânea e foram sendo adaptadas para os contextos das meninas, seja de forma coletiva ou individualmente, haja vista algumas especificidades percebidas nos acolhimentos realizados.

Ação 1 – Cesta básica: fornecida pelo CRDH JF e prefeitura após levantamento da demanda: Nossa principal ação girou em torno da distribuição de cestas básicas para garantia de segurança alimentar durante o período de redução ou afastamento da jornada informal de trabalho. Nos contatos com as participantes da ação, notamos que todas elas viviam exclusivamente do trabalho sexual, sedja ele exercido totalmente ou parcialmente nas ruas. Algumas até relataram migrar ou potencializar sua oferta serviço em sites especializados, mas mesmo assim, a demanda de clientes continuava muito baixa. Assim, um dos principais recursos demandados foram as cestas. Elas constantemente nos indagavam acerca de novas distribuições e de como as cestas vinham completas e “bem recheadas”, tendo muitos produtos essenciais para alimentação. As doações recebidas foram acordadas de serem distribuídas em frente à casa de Margarida, rua em que algumas meninas faziam ponto de prostituição. Esse ponto

fica na interseção com outra rua historicamente conhecida como ponto de prostituição, em que outras usuárias também trabalhavam. Apesar dos diferentes pontos de trabalho ressaltarem algumas disputas geopolíticas de espaço, o ponto escolhido permitia que elas pudessem circular sem que houvessem conflitos em detrimento de algumas diferenças individuais.

Ação 2 - Kit higiene e limpeza: Participaram junto ao CeR nessa arrecadação o Centro de Referência em Direitos Humanos - CRDH, o coletivo feminista 8M e a Pró-reitoria de extensão PROEX/UFJF. A ideia era que o kit fosse montado da forma mais completa possível a partir dos itens que as travestis e transexuais elegeram como essenciais para esse momento. Utilizamos o grupo no *whatsapp* como forma de interação com elas para sondar quais eram os itens essenciais que comporiam o kit. A nossa proposta foi construir do zero, e coletivamente com elas, a produção do kit a qual seria distribuído. Surgiram itens básicos nesse contexto pandêmico, tais como álcool em gel, álcool 70, máscaras protetoras, sabão em barra e água sanitária. Além disso, elas solicitaram outros produtos também, tais como sabonete, papel higiênico, shampoo, condicionador, pasta de dentes, escova, etc.

Ação 3 - Construção do grupo de *WhatsApp*: o grupo foi construído com o intuito socialização das informações referentes às distribuições, fortalecimento de vínculos grupais e com o CeR, bem como a apresentação/provocação de discussões pertinentes ao grupo. Como resultado, percebe-se a postagem de textos pelas meninas para se auto apoiarem, através inclusive da religiosidade, e de falas no sentido de construção de identidade coletiva do que é ser trans/travesti. Além disso, por estar em período das eleições municipais, discutiu-se como as escolhas políticas do voto impactariam na comunidade trans/travesti

Ação 4 - Recurso em dinheiro: foi construída uma “vaquinha” online em site de arrecadação coletiva de fundos, que foi amplamente divulgado nos meios de comunicação em massa do município e nas redes sociais institucionais do CeR. Surpreendentemente, ultrapassamos a meta inicial estipulada e avaliamos dar continuidade à modalidade de arrecadação virtual até dezembro. Realizamos uma primeira entrega de recurso de aproximadamente 240 reais para cada uma delas; uma segunda entrega de aproximadamente 165 reais e, por fim, uma entrega de 100 reais

juntamente com a ação de entrega do Natal. Todos os recursos foram direcionados de forma livre para garantir elas pudessem arcar com contas ou demais gastos necessários de acordo com suas realidades individuais.

Ação 5 - Kit Natal: em dezembro, executamos uma ação de Natal em que nos deslocamos até a residência de cada uma delas para entrega da cesta básica tradicional, do kit de higiene e limpeza, itens típicos da época para uma ceia de natal e uma cesta agroecológica com produtos provenientes do Assentamento do Movimento Sem-Terra (MST) na região.

Inicialmente, contávamos com um grupo menor de meninas, eram aproximadamente 10. Com base na metodologia de “bola de neve”, conseguimos acessar mais mulheres transexuais e travestis nas mesmas situações de precariedade, aumentando nossa demanda por arrecadações e para execução de novas entregas. As estratégias começaram contemplando igualmente todas as participantes, todavia, à medida que as doações e recursos foram se tornando mais escassos, foram necessários critérios de elegibilidade pautados em diferentes marcadores sociais do sujeito para além da identidade de gênero.

Como perspectiva de continuidade das ações em 2021, estamos em um processo de construção de parceria com a atual gestão do executivo municipal que, através do Mesa Brasil Sesc e uma campanha municipal de arrecadação de alimentos. Essa ação busca assistir instituições que trabalhem com pessoas em situação de vulnerabilidade social no combate à insegurança alimentar no município, das quais nos incluímos nas reuniões, principalmente informando que as travestis e mulheres transexuais não acessam os CRAS e demais equipamentos locais por desconhecimento e transfobia institucional. Com vistas a contornar essa situação, estamos gradativamente buscando inseri-las nos atendimentos de espaço de assistência e saúde públicas do município para ampliar sua rede de suporte.

Considerações finais

Em Juiz de Fora, a realidade de exclusão de mulheres transexuais e travestis, principalmente aquelas que dependem do trabalho sexual realizado nas ruas para subsistência, se confirma na ausência da política pública, permitindo que a precariedade da vida e a vulnerabilidade se ampliem. Constatamos vulnerabilidades agravadas em dois

níveis de desproteção: a saúde, com a presença de um vírus novo para a população em geral, inclusive para profissionais de saúde especializados; e a socioeconômica, em que o isolamento social e as restrições de circulação afetaram diretamente as dinâmicas de trabalho nas ruas e a consequente renda gerada com base nesse ofício.

Embora haja uma dinâmica de preconceito, discriminação, violação e violência perpetradas por concepções sociais moralmente recriminatórias, o trabalho dessas mulheres se configura ainda como uma das poucas possibilidades de existência em função de sua identidade de gênero. Isto se traduz nos relatos sobre a falta de perspectivas em relação a outra saída de se manterem economicamente e, por esses motivos, constantemente era necessário voltar às ruas e ao trabalho.

Neste contexto, se deu a compreensão do afeto e o acolhimento feito por elas em relação à equipe do CeR-LGBTQI+ e do movimento de pessoas que se colocam juntas na luta. Uma demanda emergencial, eclodida pela necessidade histórica de combate ao coronavírus durante a pandemia de impacto global, nos fez refletir criticamente acerca de nosso trabalho e na construção de novas possibilidades de ação que nos aproximem mais de pessoas em situação de extrema precariedade de vida. A distribuição de cestas foi além de somente a entrega, mas permitiu a criação de vínculos com cada mulher travesti e transexual contemplada, conhecendo suas histórias e singularidades.

Além disso, possibilitou o fortalecimento político da comunidade na construção de uma identidade grupal pautada em vínculos de solidariedade, mesmo com alguns conflitos existentes. Não raro, escutávamos que “ninguém olhava para as travestis das ruas”, mas agora elas se sentiam acolhidas e menos sozinhas nesse momento crítico de sobrevivência.

Assim, em um primeiro momento, a equipe se organizou para atender uma demanda emergencial de insegurança alimentar e financeira de um grupo em situação de vulnerabilidade social e que historicamente não tem acesso às políticas do Estado. Contudo, com a execução das ações, vínculos foram formados, fortalecendo o CeR-LGBTQI+ enquanto referência para essas mulheres travestis e transexuais em outras demandas, tais como busca por escolarização, novas possibilidades de inserção no mercado formal de trabalho, com garantias trabalhistas, busca pelos seus direitos em saúde e na retificação de seus documentos. O espaço ainda se configura como potente

aproximação online para que, no final da pandemia, possamos construir grupos de discussão presenciais com elas.

Agradecimentos

A todas as pessoas e parcerias envolvidas na Campanha TranSolidariedade e, em particular, ao nosso público-alvo, às travestis e mulheres transexuais trabalhadoras sexuais.

Referências

DUARTE, Marco José de Oliveira. Dissidências sexuais, vidas precárias e necropolítica: impressões de uma experiência em tempos de pandemia. In: OLIVEIRA, Antonio Deusivam de. (Org.). **População LGBTI+, vulnerabilidades e pandemia da COVID-19**. Campinas: Saberes e Práticas, 2020a.

DUARTE, Marco José de Oliveira. Vidas precárias e LGBTQIfobia no contexto da pandemia: a necropolítica das sexualidades dissidentes. In: APES-JF. **Pandemia e Política**. Juiz de Fora: APES-JF, 18 de maio de 2020b. Disponível em: <https://www.apesjf.org.br/wp-content/uploads/LGBT_Convid_19_APES-1.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2021.

OLIVEIRA, Dandara Felícia Silva; DUARTE, Marco José de Oliveira. Trabalho e tra(ns)vesti(gêneres)lidades: elementos para uma análise. In: PINHEIRO, Diógenes; REIS, Claudia. (Org.). **Quando LGBTs invadem a escola e o mundo do trabalho**. Rio de Janeiro: Ed UNIRIO, 2020.

OUTRIGHT ACTION INTERNATIONAL - OAI. **Vulnerability Amplified: the impact of the COVID-19 pandemic on LGBTIQ people**. New York: OutRight Action International, 2020. Disponível em: <https://outrightinternational.org/sites/default/files/COVIDsReportDesign_FINAL_LR_0.pdf>. Acesso em: 10 maio. 2021.

VOTE LGBT+. **Diagnóstico LGBT+ na pandemia: desafios da comunidade LGBT+ no contexto de isolamento social em enfrentamento à pandemia de Coronavírus**. Disponível em: <<https://www.votelgbt.org/>>. Acesso em: 10 maio. 2021.